

JOSÉ GOLDEMBERG

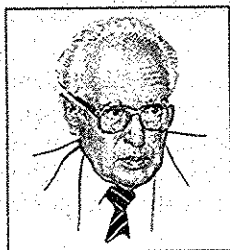
## A defesa da floresta amazônica

**P**ara marcar o assassinato de Chico Mendes, há dez anos, foi lançado nos Estados Unidos, por grupos ambientalistas, uma nova campanha de defesa da Amazônia. Este evento não teria nada de muito especial não fosse o apoio explícito à campanha dada pelo *The New York Times*, o principal jornal americano e um dos mais respeitados no mundo todo.

O apoio do jornal *The New York Times* consistiu em elogiar o trabalho de Chico Mendes, que contribuiu para convencer o governo federal a eliminar os subsídios à devastação da floresta e encorajar a formação de reservas extrativistas das quais o seringueiro morto foi o pioneiro. O mérito de Chico Mendes em criar essas reservas é indiscutível, mas a eliminação dos subsídios é um tema complexo para cuja redução muitos outros contribuíram.

É difícil prever se haverá um recrudescimento das denúncias ao governo brasileiro – tão comuns na década de 80 –, as quais, aliás, o governo enfrentou muito mal. Contudo, caso isso ocorra, será preciso que as autoridades responsáveis não tentem ocultar a realidade, como fizeram no passado, e usem os argumentos corretos em defesa de suas políticas e não apenas o da negação dos fatos em nome da “soberania nacional”. O fato é que o Brasil é um dos grandes emissores mundiais de carbono, logo após os Estados Unidos, China, os países da ex-União Soviética, o Japão e a Índia.

O que ocorre na Amazônia não só afeta os brasileiros mas também os outros países por causa dos efeitos globais que o desmatamento acarreta. Manifestações de preocupação pelo destino da Amazônia feitas em outros



**Autoridades não devem tentar ocultar realidade em nome da “soberania nacional”**

países são legítimas como é legítimo que os brasileiros se preocupem com a preservação das florestas da Indonésia. O desmatamento da Amazônia lança na atmosfera a cada ano cerca de 3% das emissões mundiais de carbono; isto é o que países como a Inglaterra emitem por ano.

A taxa de desmatamento já foi maior e está crescendo lentamente e ainda assim é muito elevada, mas novas medidas são necessárias para que isso ocorra. As leis e decretos do governo, limitando o desmatamento, têm cláusulas que permitem o desmatamento e, mesmo quando esse não é

o caso, a fiscalização do Ibama é precária demais para coibi-la.

O que torna o problema difícil é que a população da Amazônia – e já são mais de 15 milhões de habitantes – quer o desenvolvimento a qualquer preço e os prefeitos e governadores da região são os porta-vozes dessas aspirações.

Somente o governo federal pode ter a isenção e a vontade política de opor-se a interesses menores e imediatistas de grandes fazendeiros e madeireiros para reduzir o desmatamento. Mesmo isso é difícil porque já existe uma população de milhões de pequenos fazendeiros que queimam a floresta como único método de sobreviver, como faziam os índios séculos atrás, em muito menor escala, é claro. Cada ano, mais de 1 milhão de hectares de floresta virgem é destruída

neste processo.

Reservas extrativistas, como aquelas pelas quais Chico Mendes lutou e morreu, não são uma solução geral para o problema. Passados dez anos, apenas 3 milhões de hectares foram postos nesta categoria e não é possível imaginar que possam atender às necessidades de milhões de pessoas. Desmata-se em dois anos tudo o que foi preservado em dez anos.

A única solução em grande escala é a criação de pólos de desenvolvimento na região Amazônica, que não dependam da agricultura e pecuária que levam de modo geral ao desmatamento. Há um exemplo dessa política em ação que é a Zona Franca de Manaus, que atraiu grandes empresas para a região, criou empregos e atraiu a população para a capital. O resultado é que o Estado do Amazonas é o menos devastado da Amazônia. O Estado do Pará, que tem uma população comparável, tem índices muito mais altos de desmatamento.

Pode-se alinhar muitos argumentos contra a Zona Franca de Manaus, mas a verdade é que sua existência contribuiu para reduzir o desmatamento.

É nessa direção que soluções precisam ser procuradas. A idéia que a Amazônia poderia ser convertida em uma grande área dedicada à agropecuária é simplesmente incorreta, porque, a não ser em alguns bolsões delimitados, a qualidade do solo é inadequada. O sistema ecológico que lá existe é suficiente para manter uma floresta tropical úmida, mas não uma agricultura sustentável.

A melhor forma de “ocupar” e defender a floresta amazônica é protegê-la e não estimular um desenvolvimento que poderá dar resultados no curto prazo – como é o desmatamento para os madeireiros –, mas que deixaria um legado irrecuperável.

